ENSINO FARMACÉUTICO: TRAJETÓRIA, REFLEXÕES E PERSPECTIVAS PARA A FORMAÇÃO DO FARMACÉUTICO¹

PHARMACY PROFESSIONALS EDUCATION: TRAJECTORY, REFLECTIONS AND PERSPECTIVES

Patrícia Cardoso da Cruz²
Yara Fonseca de Oliveira e Silva³

Resumo: O estudo busca discutir no atual contexto socioeconômico a formação do profissional em saúde, em específico de farmácia. Nesse sentido objetiva identificar alguns desafios enfrentados no curso de farmácia a partir da proposta de formação para a atuação profissional na farmácia comunitária. A questão é se com a mercantilização do medicamento como mercadoria e não como resgate de saúde, esse profissional perde o valor de seu trabalho e a formação do profissional se volta para as forças do mercado? A metodologia utilizada neste estudo é a da pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo e descritivo, a partir da revisão de literatura e o referencial compõe de estudiosos da área como, Votta (1965); Santos (1999), e o documento das Diretrizes Curriculares Nacionais que tem como objetivo analisar e interpretar o currículo do curso de farmácia e ainda as obras que retratam a história da formação profissional do farmacêutico. Diante disso, o estudo se propõe a repensar inicialmente a sua história profissional, as mudanças que foram feitas ao longo do tempo no seu currículo, na perda de sua identidade dentro da farmácia e então, a partir deste referencial teórico, compreender todo esse processo e o perfil do profissional do medicamento a ser formado. Conclui-se a atuação deste profissional na farmácia comunitária deve-se em grande parte ao ensino e formação deste profissional nas instituições de ensino superior. Para que a profissão farmacêutica retome o reconhecimento que merece, é necessário que o profissional se faça presente e que modifique a sua atuação diante da comunidade, mas, sem uma qualificação adequada, sem um perfil crítico, não poderá desenvolver ações que são próprias da sua profissão.

Palavras-chave: Diretrizes curriculares, educação farmacêutica, farmácia comunitária.

Abstract: This study aims to argue in the current social economic context of the professional in health education, specifically of pharmacy. Its objective is to identify some challenges faced in the pharmacy course from the proposal of education for the professional performance in the communitarian pharmacy. The question is if with the commercial aspect of the medicine and not as health rescue, this professional loses the value of its work and the formation of the professional returns itself to the influences of market? The methodology used in this study is the bibliographical research, of qualitative and descriptive character, from the literature revision and from studios in the area as Votta (1965) and Saints (1999), and the document of the National Curricular Lines of direction that has the objective of analyze and to interpret the resume of the pharmacy course and still the workmanships that built the history of the professional formation of the druggist. Ahead of this, the study considers initially the rethinking of professional history, the changes that had been made throughout the time in its resume, the loss of its identity in the pharmacy and then, from this theoretical referential, to understand all this process and the profile of the professional of the medicine to be formed. In conclusion, the performance of this professional in the communitarian pharmacy depends on the education and formation of this professional in universities. So that the pharmaceutical profession retakes the recognition that it deserves, it is necessary that the professional acts and also modifies its performance in the community. But, without an adjusted qualification, without a critical attitude, it will not be able to develop actions that are proper of its profession.

Key-words: Curricular lines of direction, pharmaceutical education, communitarian pharmacy

---

¹ Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Docência Universitária, da Unidade Universitária de Inhumas, Universidade Estadual de Goiás.

² Graduada em Farmácia e Bioquímica pelo Instituto de Ensino Superior Objetivo, pós-graduada em Saude Publica pela UNAERP.

³ Pedagoga, especialista em Avaliação Institucional, mestre em Educação, doutoranda em Políticas Públicas, Estratégia e Desenvolvimento (UEG/UFRJ)

Introdução

Esse texto aborda uma discussão atual no contexto de reestruturação produtiva em que a reforma do Estado e subjacente reforma do sistema educativo tem provocado mudanças na concepção de educação e, portanto, na formação do profissional em saúde, em específico de farmácia.

O presente estudo objetiva identificar alguns desafios enfrentados no curso de farmácia a partir da proposta de formação para a atuação profissional na farmácia comunitária. O que interessa questionar é com a mercantilização do medicamento como mercadoria e não como resgate de saúde, esse profissional perde o valor de seu trabalho e a formação do profissional se volta para as forças do mercado? A hipótese é que com o empenho e a efetiva consolidação das (Diretrizes Curriculares Nacionais) DCNs na instituição de ensino superior é possível realizar o resgate do papel do farmacêutico, ou seja, o papel de cuidador e educador de sua comunidade.

A metodologia utilizada neste estudo é a da pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo e descritivo, a partir da revisão de literatura, com o objetivo de analisar e interpretar o documento das DCNs que orientam o currículo do curso de farmácia e ainda as obras que retratam a história da formação profissional do farmacêutico.

Nesse sentido, o estudo se propõe a repensar inicialmente a sua história profissional, as mudanças que foram feitas ao longo do tempo no seu currículo, na perda de sua identidade dentro da farmácia e então, a partir deste referencial teórico, compreender todo esse processo e o perfil do profissional do medicamento a ser formado.

1 Breve histórico do curso de Farmácia

A proposta de compreender o processo histórico de uma profissão, nesse estudo em específico, o de farmácia, se dá por entender que este se faz em diversos momentos e espaços e, ainda, por ser uma memória histórica eivada de relações de força e de poder construídas no grupo social no decorrer da formação do profissional.

Para tanto, a seguir será feita uma releitura do percurso histórico dessa profissão, com o intuito de perceber a (re) construção da identidade e o papel do farmacêutico na sociedade atual.

Em sua origem o papel do farmacêutico pode ser considerado como o de cuidador, pois os jesuítas, considerados os primeiros boticários, contribuíram com a produção de medicamentos e o atendimento ao povo. Destaca-se, conforme Votta (1965, p. 10), a participação de José de Anchieta (1534 – 1597),

os jesuítas, muito mais práticos e previdentes que os donatários e os próprios governadores-gerais, trataram logo de instituir enfermarias e boticas em seus colégios, havendo um irmão que cuidava dos doentes e outro que preparava os remédios. Em São Paulo esse irmão foi Anchieta, e por isso o consideramos o primeiro boticário de Piratininga.

No decorrer do processo civilizatório, verifica-se as boticas sendo de responsabilidade de profissionais empíricos, que conforme Votta (1965, p.11) eram “quase analfabetos, possuindo apenas o adestramento da manipulação de medicamentos corriqueiros”, o que com o passar do tempo necessitou ser repensado.

Diante disso, tem-se que em 1832 foi criado o primeiro curso de farmácia nas faculdades de medicina no Rio de Janeiro e na Bahia com duração de três anos. Isso significa dizer que a profissão começa a se redefinir em sua condição técnico-científica e não somente em sua proposta prática. O boticário é substituído pelo farmacêutico por ter o contexto a necessidade de um profissional que acompanhasse o progresso da ciência e da técnica (VOTTA, 1965).

Com a chegada do progresso e da industrialização, a década de 1930 propiciou significativa transformação para o profissional de farmácia. A formação e, portanto, o ensino para o farmacêutico tomou formas peculiares, trocando um referencial ou modelo de profissional que era atender as necessidades da população para atender o mercado. O ensino farmacêutico direcionou o profissional para as análises clínicas e a produção de medicamentos em larga escala que é a indústria farmacêutica.

Assim, esse profissional se afasta de sua principal função que é o cuidado ao usuário de medicamento e começa a atender a necessidade da sociedade de acordo com os interesses do contexto socioeconômico, pois, de acordo com Santos (1999, p. 89), “o currículo não existe como um fato isolado, mas adquire formas sociais particulares que corporificam certos interesses, eles próprios resultados de lutas contínua dentro e entre grupos dominantes e subordinados”.

O farmacêutico, que antes atendia e preparava os medicamentos nos laboratórios da farmácia, com a chegada da industrialização, começa a perder esta característica principal para o qual era formado e, assim, passa a perder o contato profissional com a comunidade,

deixando de lado o seu papel de educador e orientador. Assim, a sua relação ficava cada vez mais distante, fazendo com que o seu trabalho no atendimento à população ficasse prejudicado. Além disso, veio sinalizar a formação de profissionais para um maior conhecimento em indústria e análises clínicas que detinham um reconhecimento social e colocava o farmacêutico da farmácia comunitária cada dia mais distante deste mesmo reconhecimento.

Até 1930, os farmacêuticos estavam presentes, existia um contato pessoal entre o farmacêutico e a comunidade, e participava de questões sociais, mas, a partir desse período, tem-se um Estado promotor do desenvolvimento que provoca mudanças no mundo do trabalho influenciadas pelo ideal liberal. Daí, a influência do campo econômico na relação entre profissional e comunidade distancia o profissional que se torna ausente e faz deste um profissional mais técnico.

Se antes o farmacêutico era possuidor de amplo conhecimento desde a compra de produtos, a manipulação, até a dispensação do medicamento, passa a ser confundido com o leigo, ficando clara a desvalorização do seu trabalho e este profissional então, projeta-se para as análises clínicas e indústrias.

A mercantilização do medicamento foi ganhando força e a questão do lucro acompanhou este cenário, colocando o medicamento como mercadoria e não como instrumento de resgate de saúde, prevenção de doenças ou tratamento e a formação do profissional se volta para as forças do mercado perpassando o conteúdo da formação desse profissional a partir do currículo que é, segundo Moreira e Silva (1994, p.23)

um território em que se travam ferozes competições em torno dos significados. O currículo não é um veículo que transporta algo a ser transmitido e absorvido, mas sim um lugar em que, ativamente, em meio a tensões, se produz e se reproduz a cultura. Currículo refere-se, portanto, a criação, recriação, contestação e transgressão.

O que significa dizer que o currículo do curso de farmácia recebeu constantes tentativas de alterações como foi em 1962, quando implantado o Currículo Mínimo para o curso de farmácia, cujas disciplinas destacavam as áreas da indústria de medicamentos e análises clínicas e, em 1969, quando foi instituído o novo Currículo Mínimo para a Farmácia a partir da reforma universitária que reforçou o distanciamento do farmacêutico como profissional do medicamento e de seu papel de cuidador e orientador nas farmácias (SANTOS, 1999).

Outro destaque foi a aprovação da Lei n° 5.991, de 1973, que propiciou qualquer pessoa comercializar medicamentos desde que a farmácia contasse com um farmacêutico. Este cenário nos remete aos dias de hoje, onde prevalecem os interesses econômicos e não a saúde revelando que, “[...] a indústria farmacêutica moderna é uma indústria de transformação, enquanto a farmácia representa um estabelecimento predominantemente comercial, com um artesanato técnico em involução” (CFE, Parecer n° 287/69).

Nesse contexto, o usuário de medicamento pode ou não encontrar profissional habilitado a atender ou sanar suas dúvidas sobre medicamentos e as consequências do mau uso destes medicamentos podem trazer danos irreparáveis como intoxicações, interrupção do tratamento e até a morte.

Os desafios enfrentados na condição profissional do farmacêutico diante do mercado de trabalho nos levaram a refletir sobre a sua formação acadêmica e notamos problemas e entraves durante este período.

Alvares (2009, p. 55) acredita que “a farmácia comunitária tenha sido o local do primeiro emprego e cerca de 70% dos farmacêuticos brasileiros e o aprendizado na prática acontece nas farmácias”. Essa interpretação se mantém presente durante grande parte da caminhada desse profissional, sua formação universitária era para a sua condição técnica nas indústrias e análises clínicas, ao contrário do direcionamento de suas atividades profissionais para a dispensação, manipulação e comercialização de medicamentos que precisou ser repensada ao longo dos anos.

O currículo para o ensino desse profissional é revisto na década de 1980, por causa das mudanças do contexto socioeconômico de democratização e, nesse debate, sua capacitação deveria ser voltada para o mercado de trabalho, o que a sociedade também lhe impõe. Constata-se então a perda de identidade no decorrer da formação desse profissional e ao mesmo tempo o desafio de repensar o seu papel dentro da sociedade e, com isso, se posicionar diante dos acontecimentos, informações, questionamentos de ordem profissional, pessoal e acadêmico, no sentido de resgatar o papel cuidador e educador.

2 DCNs: A formação do farmacêutico generalista

A profissão farmacêutica é uma das mais antigas da humanidade e se caracteriza pela sua condição de ser inovadora, portanto, a luta do profissional farmacêutico é a de refazer sua identidade e ocupar as lacunas que ficaram durante a atribulada caminhada profissional, vivida até os dias de hoje. Para isso a formação desse profissional é palco de constantes

discussões e questionamentos sobre a educação farmacêutica. O debate por um ensino integrado desencadeia encontros dos atores envolvidos no processo, como profissionais e órgãos responsáveis, os quais culminaram nas Diretrizes Curriculares Nacionais de 2002.

Nesse sentido, para possibilitar uma reflexão sobre o profissional que está sendo formado buscou-se eleger a Resolução CNE/CES 2/2002 (parágrafo 10) que estabelece que:

As diretrizes Curriculares e o Projeto Pedagógico devem orientar o Currículo do Curso de Graduação em Farmácia para um perfil acadêmico e profissional do egresso. Este currículo deverá contribuir, também, para a compreensão, interpretação, preservação, reforço, fomento e difusão das culturas nacionais e regionais, internacionais e históricas em um contexto de pluralismo e diversidade cultural.

Assim, podemos notar que a proposta das DCNs do curso de Farmácia é formar um profissional com tal flexibilidade, que deve ser encarada de forma oportuna a fim de trazer o reconhecimento da formação profissional e agregar valor e fortalecimento ao ensino farmacêutico.

A formação do farmacêutico generalista, segundo as novas Diretrizes Curriculares de 2002, deve formar profissionais com amplas competências. Assim, novos conhecimentos humanos e sociais devem ser acrescentados, além do conhecimento técnico e científico. De acordo com Éboli (2009, p. 39), “[...] é bom lembrar que generalista é a competência para o amplo exercício profissional e que os cuidados para uma plena consistente formação permanecem como ingredientes indispensáveis e fundamentais”.

Ao observar o movimento da educação farmacêutica, é perceptível um processo de ensino com novas opções e serviços à comunidade. Para Santos (2009, p. 60),

Dono de amplos conhecimentos científicos adquiridos na Universidade, o Farmacêutico tem diversificado as suas atividades. Hoje são 76, e todas elas regulamentadas pelo Conselho Federal de Farmácia (CFF). As atividades desenvolveram-se nas áreas da farmácia clínica, da indústria, das análises clínicas e toxicológicas, da citopatologia, da radiofarmácia, do alimento, da terapia nutricional, etc.

Nesse contexto, os movimentos que envolvem a educação farmacêutica podem direcionar para um profissional que deseja resgatar a característica de cuidador, no sentido de zelar pela saúde do paciente dentro de várias opções de trabalho, por ser o ensino, conforme Fernandes (2008, p. 44)

Considerado como processo e como intenção, programa, podendo se constituir num excelente agente de identificação da gestão universitária e uma forma sistemática de prestação de contas à sociedade. É preciso repensar as práticas administrativas, técnicas e pedagógicas adotadas pela Universidade, de forma crítica e comprometida, refletindo sobre o seu papel na sociedade como produtora e socializadora do saber, capaz de compreender e de modificar a realidade.

Para a adoção de novas práticas, faz-se necessário que a instituição de ensino superior amplie as possibilidades que se abre para o profissional farmacêutico a partir do cumprimento das diretrizes curriculares, no intuito de empenhar uma formação que contemple os aspectos humanísticos, técnicos e principalmente mantenha o contato com a sociedade, no intuito de resgatar o que se perdeu no decorrer do processo histórico. A formação acadêmica pode ter um ensino cheio de trocas de experiências e vivências profissionais, dando ao farmacêutico a visão do que é novo, atendendo assim ao processo de aprendizado.

É certo que o farmacêutico precisa ter uma formação técnica, pois não poderia ser diferente por sua formação exigir conhecimento de várias técnicas, mas a formação com caráter generalista faz-se necessária, por possibilitar ao profissional uma visão voltada para o paciente. Sendo assim, as propostas de ensino devem caminhar juntas para a construção do conhecimento e formação profissional como um todo, ir além da doença e do medicamento, ir de encontro ao que é humano.

3 DCNs e o papel do docente na formação do farmacêutico comunitário

A importância de refletir sobre o papel do docente na formação de seu aluno é significativa. De acordo com as DCNs de 2002, o docente deve ser capaz de melhorar a sua visão e ir além da sala de aula. Isso se deve ao novo perfil do farmacêutico. Já não é mais possível apresentar ao aluno apenas um conhecimento técnico, é necessário que se valorize o humano, as relações com o outro e amplie os horizontes de formação do farmacêutico para o conhecimento além das disciplinas, para a integração da teoria e da prática, a partir da transdisciplinaridade, por ser uma

teoria do conhecimento, é uma compreensão de processos, é um dialogo entre as diferentes áreas do saber e uma aventura do espírito. A transdisciplinaridade, é uma nova atitude, é a assimilação de uma cultura, é uma arte, no sentido da capacidade de articular a multirreferencialidade e a multidimensionalidade do ser humano e do mundo (CORREIA, 2010, p.28).

A transdisciplinaridade aborda justamente esse novo olhar que vai além das disciplinas, o professor deverá ser capaz de perceber que seus alunos mesmo dentro da universidade estão em formação técnica e também em formação pessoal. Sendo assim, é necessário o diálogo, transmitir ou compartilhar conhecimentos, experiências. Cabe ao professor estimular mudanças, reorientar os valores éticos de seus alunos durante sua formação profissional.

É preciso destacar que a formação da maioria dos docentes tem o caráter tradicionalista. Conseqüentemente, necessita-se de um esforço muito grande por parte destes docentes para que rupturas e transformações possam acontecer e que as atitudes que acompanham esta mudança contribuam para sua própria aprendizagem e também para a dos alunos, pois, como aponta Brandão (2010, p. 30).

no centro da corrente de transformações está a busca por um farmacêutico com múltiplas habilidades e conhecimentos técnicos e científicos e, também, afinado com as demandas que emanam da sociedade, dos sistemas público e privado de saúde, do mercado. Especialistas falam de um profissional que seja dotado de um viés humanístico, da consciência de que é um ente parte de uma coletividade com a qual interage e a qual deve oferecer serviços qualificados.

O professor da educação atual não pode se posicionar como o único detentor do saber, centralizando o conhecimento. Ao contrário disso, deve-se posicionar para o ensino baseado na abordagem transdisciplinar e assim melhorar a cada dia. Isso envolve tanto o professor como o aluno para a construção de profissionais críticos reflexivos e abertos ao diálogo. Cipolle (2006, p. 347) defende que

A farmácia, como todos os demais programas profissionais, tem a responsabilidade de preparar profissionais que exerçam as atividades licenciadas (reguladas) no domínio público. Por este motivo, os docentes de farmácia tem a responsabilidade de formar profissionais que contribuirão com a sociedade de maneira única, significativa e mensurável.

A presença do docente em uma instituição de ensino superior deve ser marcada como mediador do conhecimento e construtor de indivíduos críticos e reflexivos que deverão chegar ao mercado de trabalho com amplas habilidades, competências e capazes de transformar as características tecnicistas que observamos no Curso de Farmácia, pois, como aponta Fernandes (2008, p. 14),

todo o ensino tem que ser compartilhado entre professores e alunos. É um processo interativo de apreensão do conhecimento, em que não mais se discute a exclusiva atuação do professor, como um emissor de discursos para um público passivo, nem tampouco, como por vezes apregoam os mais extremados construtivistas, apenas uma ação ativa dos alunos, a guisa de auto-aprendizagem, orientada aqui e acolá por professores. Ambos os segmentos do processo ensino-aprendizagem têm muito a dar de si na busca do conhecimento.

As Diretrizes Curriculares Nacionais (2002) para o curso de farmácia é bem clara quando descreve a importância de se formar um profissional para trabalhar em todos os níveis de atuação do farmacêutico. O que significa dizer que a formação continuada é uma tendência do contexto socioeconômico atual por cobrar deste profissional uma formação contínua e atualizada, em que se torne o ator principal e consciente de seu aprendizado e que as mudanças absorvidas nesse caminho do processo de aprendizagem façam toda a diferença no seu exercício profissional.

Segundo as DCNs do curso de farmácia e conforme a Resolução CNE/CES 2, 2002, parágrafo 3:

O curso de graduação em Farmácia tem como perfil do formando egresso/profissional o Farmacêutico, com formação generalista, humanista, crítica e reflexiva, para atuar em todos os níveis de atenção à saúde, com base no rigor científico e intelectual. Capacitado ao exercício de atividades referentes aos fármacos e aos medicamentos, às análises clínicas e toxicológicas e ao controle, produção e análise de alimentos, pautado em princípios éticos e na compreensão da realidade social, cultural e econômica do seu meio, dirigindo sua atuação para a transformação da realidade em benefício da sociedade.

Podemos assim verificar que a formação generalista descreve um conhecimento como um todo na formação profissional do farmacêutico e que deve garantir a este profissional uma atuação em todos os níveis de saúde, direcionando o farmacêutico para uma formação mais humanista e que deverá usar todo seu conhecimento com ética e responsabilidade social.

4 A contribuição da farmácia escola no processo do ensino

No processo da formação generalista, é necessário, como dito anteriormente, um conhecimento mais amplo e, para conscientizar e formar profissionais com alto nível de aprendizado, é imprescindível um cenário real, que nos remeta a farmácia-escola que, de acordo com Fernandes (2008, p.97),

representa um elemento determinante na qualidade do processo ensino-aprendizagem de uma instituição. Por intermédio dos trabalhos nele desenvolvidos, pode inserir o aluno em atividades profissionais farmacêuticas desde o início do curso. A farmácia-escola possibilita o comprometimento institucional com o perfil do profissional a ser formado.

É muito importante para a formação do futuro profissional o contato com o paciente e o apoio do docente acompanhando essas ações e todo o trabalho da farmácia-escola é fonte de riqueza de oportunidades, pois é nesse contexto que o aprendizado vai acontecer de forma a desenvolver as competências que o aluno necessita no seu caminhar profissional.

Recentemente, o Conselho Federal de Farmácia (2010) lançou um projeto para que os farmacêuticos pudessem de forma gratuita acessar o Sistema de Monitoramento de Serviços Farmacêuticos⁴ e chama cada farmacêutico a abraçar esta ferramenta de trabalho para o atendimento ao paciente de forma inovadora, gerando um resultado positivo e melhorando as ações do farmacêutico dentro da farmácia comunitária e fidelizando os pacientes, pois, como afirma Brandão (2010, p. 14),

Por meio do sistema, os farmacêuticos comunitários farão registro de todos os serviços que prestarem nas farmácias, como a aferição de pressão arterial e da temperatura corporal, a determinação de glicemia capilar, aplicação de injetáveis, avaliação e/ou serviços de acompanhamento farmacoterapêutico, colocação de brincos e nebulização.

O trabalho em uma farmácia comunitária inclui além de questões técnicas, como cuidados desde a compra de medicamentos, armazenamento e dispensação, o cuidado com o paciente e, ainda, a parte administrativa que se agrega ao perfil do profissional para que suas atividades possam acontecer em sua plenitude.

Nesse sentido, interessa questionar, quais as contribuições que as DCNs de 2002 trouxeram para a formação do farmacêutico? Qual é o papel do farmacêutico a ser formado a partir das DCNS de 2002? Há realmente um diferencial no atendimento deste profissional na farmácia comunitária? É visível o descompasso entre o que é ensinado nas instituições e o que é vivido no cotidiano de um farmacêutico na farmácia comunitária. Por isso, tão importante é a farmácia-escola na sua formação e a figura do docente como mediador deste aprendizado.

Outro fator de grande importância é a relação que deve acontecer entre as disciplinas no estágio curricular, conforme a Resolução CNE/CES 2,2002, parágrafo 7:

---

⁴ No sistema de monitoramento de serviços farmacêuticos (SMSF), utiliza-se um software para realizar e registrar os serviços farmacêuticos de forma gratuita onde os dados são armazenados em um servidor do CFF.

A formação do Farmacêutico deve garantir o desenvolvimento de estágios curriculares, sob supervisão docente. A carga horária mínima do estágio curricular supervisionado deverá atingir 20% da carga horária total do Curso de Graduação em Farmácia proposto, com base no Parecer/Resolução específico da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação.

Para o alcance da formação generalista do farmacêutico é válido o grau de conhecimento em todos os níveis da sua graduação, sendo o aluno co-autor do seu aprendizado. Vale ressaltar que este não termina com a graduação, pois não é raro o profissional ser abordado pelos pacientes com dúvidas de como realizar exames bioquímicos ou como se preparar para um determinado exame e, ainda, que tipo de material será colhido ou, sobre novos medicamentos e seu uso. Essas são dúvidas que devem ser sanadas pelo farmacêutico na farmácia comunitária e o currículo generalista em muito veio acrescentar na formação desse profissional.

É imprescindível a diversificação dos locais ou cenários de aprendizagem do farmacêutico na farmácia comunitária. Isso fica muito claro devido a riqueza de situações abordadas pelos pacientes. As novas DCNs para o ensino farmacêutico preocupa-se com este preparo do egresso visto que o perfil do profissional a ser formado deve atender aos anseios da sociedade e a realidade profissional. Para Fernandes (2008, p. 99),

o aluno de graduação deve cumprir uma carga horária específica de atividades complementares de 5% a 10% da carga horária total do curso. Atividades complementares são mecanismos de aproveitamento de conhecimentos adquiridos pelo aluno, por meio de estudos e práticas independentes, com acompanhamento docente.

As atividades complementares devem ser aproveitadas ao máximo, no sentido de adquirir conhecimento, o que permite uma diversificação de experiências o que muito contribuem para a formação do farmacêutico e devem ser realizadas pelo aluno, onde o mesmo escolhe o que é mais interessante para o desenvolvimento de sua formação aprofundando o conhecimento e servindo de estímulo. Segundo as DCNs do Curso de Farmácia, “os conteúdos essenciais para o Curso de Graduação em Farmácia devem estar relacionados com todo o processo saúde-doença do cidadão, da família e da comunidade, integrado à realidade epidemiológica e profissional” (Resolução CNE/CES 2,2002, parágrafo 6).

Diante disso, podemos dizer que as DCNs sinalizam a importância do ensino estar integrado com as práticas de atenção a saúde. As atitudes e a socialização dos saberes promovidos pela docência são co-responsáveis pelo resultado de qualidade dessa formação para que se cumpra o seu papel de orientador, com uma conduta mais humanística e inovadora.

Considerações finais:

Concluir esse trabalho sobre a formação profissional do farmacêutico baseado nas diretrizes curriculares, significa, na verdade, um ponto de partida para o aprofundamento do estudo nessa área. Atualmente, a profissão farmacêutica se insere em um mercado socioeconômico que desrespeita o cidadão e privilegia o econômico, proposta da política neoliberal. Os meios de comunicação incentivam o consumo excessivo na sociedade capitalista e a saúde pública se faz sem financiamento decente no grupo social brasileiro. Constata-se, então, no mercado a falsificação de medicamentos e a concorrência desleal que nos remete a refletir a autonomia deste profissional no exercício de suas funções.

Na verdade, a formação tecnicista ainda se faz presente nas concepções e práticas desse profissional, e isso tem dificultado a capacidade do farmacêutico em absorver e posicionar-se diante do mercado excludente. O desafio é superar essa condição técnica e ampliar as ações do farmacêutico para um profissional de saúde, cuja prática esteja voltada para a ética e o bem da sociedade.

A população necessita hoje de um farmacêutico que, além da dispensação de medicamentos, preocupe-se com a prestação de serviços farmacêuticos, pois conforme a população envelhece e aumenta o aparecimento de doenças crônicas como diabetes e hipertensão, a atuação do farmacêutico na farmácia comunitária deve ser também a de educar essa pessoa.

Acredita-se, a partir desse estudo, que o papel de cuidador e educador deve ser considerado no atendimento ao paciente, ao ajudá-lo a conscientizar-se e a não abandonar seu tratamento, levando o mesmo a educar-se para que o restabelecimento de sua saúde, seguido de uma linguagem clara e de fácil interpretação, no sentido de aceitar a doença e reconhecer a importância do tratamento. Desta forma, contribui para que consiga conviver com a doença com qualidade de vida, aplicando o que podemos chamar de cuidado farmacêutico, proporcionando um tratamento farmacológico responsável com o propósito de conseguir resultados positivos para o paciente (CIPOLLE, 2006).

Para que as DCNs de 2002 possam de fato ser contemplada nas instituições de ensino superior, é preciso rever a formação teórico-prática que possibilite o profissional da saúde a assumir o seu papel e com isso se colocar à disposição da comunidade com amplos conhecimentos sobre fármacos e com uma nova formação, que insira um novo perfil profissional que passa a atender as demandas que costumam presenciar nas farmácias.

A compreensão que fica desse estudo é a de que a atuação deste profissional na farmácia comunitária deve-se em grande parte ao ensino e formação deste profissional nas instituições de ensino superior, na relação de sala de aula, entre professor e aluno e, é claro no espaço cotidiano da farmácia comunitária para não perder o contato com a população para que outros profissionais não continuem a assumir atividades que são próprias do profissional farmacêutico. Para que a profissão farmacêutica retome o reconhecimento que merece, é necessário que o profissional se faça presente e que modifique a sua atuação diante da comunidade, mas, sem uma qualificação adequada, sem um perfil crítico, não poderá desenvolver ações que são próprias da sua profissão.

É preciso sinalizar para o cenário da comercialização de medicamentos, por aspectos em que as ações de saúde foram esquecidas, e nota-se que o uso irracional de medicamentos, falsificação dos mesmos e concorrência acirrada sobrepõem ao direito do cidadão de ser amparado em suas necessidades e na restituição de sua saúde.

O que importa ressaltar é a necessidade de financiamento decente na área de saúde, bem como o acompanhamento e avaliação das autoridades sanitárias e governamentais na farmácia comunitária, no sentido de incentivar e valorizar a presença e atuação dos farmacêuticos na atenção primária à saúde e a orientação farmacêutica que contribui para o uso adequado do medicamento.

REFERÊNCIAS

ÁLVARES, Amilson, Fundada a Sociedade Brasileira de Farmácia Comunitária. **Pharmácia Brasileira**. Brasília – DF, ano 12, n° 70, p.55, mar./abr.2009.

BRANDÃO, Aloísio. A fronteira da profissão farmacêutica é a qualidade. **Pharmácia Brasileira**. Brasília – DF, ano 12, n° 75, p.30, mar/abr.2010.

_____, Aloísio. Programa do CFF vai balizar ações de saúde pública. **Pharmácia Brasileira**. Brasília – DF, ano 12, n° 78, p.14, set./out.2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional da Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES nº 2, de 19 de fevereiro de 2002. Brasília, DF, 2002. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES022002.pdf>>. Acesso em: 22 de janeiro de 2011.

CIPOLLE, R. J.; STRAN, L. M.; MORLEY, P. C. **O exercício do cuidado farmacêutico**. Brasília: Conselho Federal de Farmácia, 2006, p.347.

CORREIA, Waldenilson dos Santos; FREITAS, Carla Conti. Transdisciplinaridade e a prática docente no ensino superior. In: KRATZ, Lúcia (Org); FREITAS, Carla Conti (Org). **Docência Universitária 2: desafios e possibilidades no ensino superior**. Goiânia: Kelps, 2010, p.27-40.

EBOLI, G. B. O ensino e o futuro profissional do farmacêutico. **Pharmácia Brasileira**. Brasília – DF, ano 12, nº 70, p.38-39, mar./abr. 2009.

FARMÁCIA COMUNITÁRIA. Brasília: **Sistema de monitoramento de serviços farmacêuticos**, manual VI, out. 2010. p.19.

FERNANDES, Z. C...[et al.]. **Os desafios da educação farmacêutica no Brasil**. Brasília: Conselho Federal de Farmácia, 2008.

FRANCO, D. R. Diabetes: O farmacêutico como educador no combate à doença. **Pharmácia Brasileira**. Brasília – DF, ano 12, nº 77, p.5, jul./ago.2010.

JOÃO, Walter Silva Jorge. Reflexões sobre o uso racional de medicamentos. **Pharmácia Brasileira**. Brasília – DF, ano 12, nº 78, p.15, set./out.2010.

MOREIRA, A. F. B. e SILVA, T. T. (orgs) **Currículo, cultura e Sociedade**. São Paulo: Cortez, 1994.

SANTOS, J. S. Farmacêutico, a fonte límpida de informações. **Pharmácia Brasileira**. Brasília – DF, ano 12, nº 73, p.60, set./dez.2009.

SANTOS, Manoel Roberto da Cruz. **A Profissão Farmacêutica no Brasil: História, Ideologia e Ensino**. Ribeirão Preto: Holos, 1999.

SILVA, José Maria da; SILVEIRA, Emerson Sena da. **Apresentação de trabalhos acadêmicos**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

VOTTA, Raul. **Breve história da farmácia no Brasil**. Rio de Janeiro: Enila; 1965.